

## OPINIÃO

## OLIBERAL

FILIAL DA SOCIEDADE INTERAMERICANA DE IMPRENSA - SIP  
ANU ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNALISTAS

Presidente  
**Lucidéa Batista Maiorana**

Presidente Executivo  
**Romulo Maiorana Jr.**

Diretor Jurídico  
**Ronaldo Maiorana**  
(048-PA 8667)

Diretora Administrativa  
**Rosângela Maiorana Kzam**

Diretora Comercial  
**Rosemary Maiorana**

Diretor Industrial  
**João Joçucam de Moraes Filho**

Diretor de Marketing  
**Guarany Júnior**

Diretor  
**José Luiz Sá Pereira**

Editor-Chefe  
**Lázaro Moraes**

O LIBERAL é editado por  
**Delta Publicidade S/A**  
CNPJ: (MF) 04929683/0001-17.  
Inscrição Estadual: Inerta.  
Município: 032.632-5

Administração, Redação,  
Centro Tecnológico Gráfico,  
Publicidade  
Av. Romulo Maiorana, 2473.  
CEP: 66.095-095.  
Telefone: 3216-1000.  
Endereço Telegráfico: JornalLiberal.  
Belém, Pará, Brasil.

As opiniões emitidas em textos assinados são livre manifestação do pensamento de seus autores e não representam a opinião do jornal.

Sucursal Centro/  
Centro-Oeste

Gerente Executiva:  
**Silvana Scorsin**

Brasília-DF  
SRTVN Q 701 CONJ. C.  
Ed. Centro Empresarial Norte,  
Bloco B, sala 432. Cep. 70.719-900.  
Fonofax (61) 3328-9394/3328-9396.  
E-mail: sanab634@zaz.com.br

Sucursal Sudeste/  
Sul/Nordeste

Diretor:  
**Carlos Namur**

São Paulo-SP  
Edifício Igatemi Office Building  
Rua Igatemi, 192  
Cj. 111 / 11º and. - Itaim. Cep. 01451-010  
Fonofax (11) 30733.450 / 1451 / 1453  
e-mail: sucursalsudeste@oliberal.com.br

## Preço do exemplar

Zona I - Abaetetuba, Ananindeua, Arapari, Barcarena, Belém, Benevides, Bragança, Capinzal, Capim, Castanhal, Criciúma, Dom Elzeu, Igarapé-Miri, Itaipava, Itinga, Mito do Rio, Mito, Montenegro, Nova Timbótesa, Ourém, Paragominas, Quatro Bocas, Salinas, Santa Izabel, Santa Luzia do Pará, Santa Maria, São Miguel do Guamá, Tucuruí, Tuzo, Vigia, Uruará, Viseu e Vigia.

► Dias úteis R\$ 2,00  
► Domingo R\$ 4,00

Zona II - Almirante, Altamira, Parauapebas, Conceição do Araguaia, Marabá, Monte Alegre, Monte Dourado, Parel, Porto de Mox, Redenção, Sotero, Ourilândia do Norte, Tucuruí, Tucuruí, Viseu, Jurema, Santarém, Itaituba, Oriximiná e Óbidos.

► Dias úteis R\$ 2,50  
► Domingo R\$ 4,50

Zona III - Brasília (DF), São Luís, Teresina, Recife, Tocantins, Fortaleza, Manaus e Boa Vista.

► Dias úteis R\$ 3,00  
► Domingo R\$ 6,00

Zona IV - Demais Estados

► Dias úteis R\$ 4,50  
► Domingo R\$ 9,00

Zona V - Macapá

► Dias úteis R\$ 3,00  
► Domingo R\$ 6,00

## Telefones de O LIBERAL

Reportagem:  
**3216-1138**  
Assinaturas:  
**3204-6000**  
Atendimento ao Assinante:  
**3216-1011**  
Classificados:  
**3277-9200**  
Comercial:  
**3216-1163 e 3216-1176**

## joséseráfico

## Infame parceria

Que boa parte do Brasil já sabia, mas por alguma razão não proclamava, começa a surgir cristalino: as maiores empresas brasileiras acostumaram-se à boa vida que os governantes lhes propiciam. Por causa disso, avançaram até o ponto em que se torna quase impossível discernir os limites entre o público e o privado.

Muitas são as prováveis razões da facilidade com que o acúmulo de poder público-grandes empresas beneficia-se do desinteresse da população. Há os que simplesmente se beneficiam dessa apatia, não raro eles mesmos promotores de toda sorte de pretextos indutores da alienação dos apáticos. Imaginem-se as vantagens financeiras e de outra ordem, neste momento em que falar de milhões é sinal de avarizia!

Outros não têm coragem suficiente para denunciar o próprio modelo de financiamento de campanhas, não mais que um dos muitos atos obedientes à lógica do sistema econômico. Nesse caso, financiamento ganha o mesmo significado de investimento. Aplica-se hoje, para receber, mais e melhor, amanhã. Tudo uma questão de custo-benefício. Daí a distribuição de dinheiro a partidos aparentemente opostos em suas propostas e fundamentos ideológicos (7).

As investigações levadas a efeito

## Jamais se discutiu sequer a probabilidade da substituição dos sócios do governo por empregados explorados e ameaçados de perder o emprego.

pela Operação Lava Jato e os investidores dizem bem dessa prática.

Em suma: talvez como em nenhum outro país e nunca antes na história do país em que nascemos, testemunhamos a realização da expressão comitê gestor da burguesia. Porque Estado-interesse privado são a mesma e única coisa. Superou-se, ou não definitivamente, a fase em que o estatal coincidia com o público. O bem público era objeto da preocupação e alvo das decisões do governo. Hoje, falar-se de estatal nos leva a abordar assunto do interesse privado, tão logo foi a captura do aparelho do Estado pelos interesses das corporações e seus puxa-mantidos.

Não se estranhe, pois, a reiterada proclamação de que o fechamento de empresas levará inevitavelmente à redução dos postos de trabalho. Trocando em miúdos o desemprego é usado para chantagem. Ou seja, o interesse da fração mais sofrida da população é usado para justificar bandalheiras e legitimar a corrupção. Ao fim e ao cabo, como estamos fartos de saber, abrem-se os cofres públicos para socorrer os fraudadores, os corruptores e os assal-

tantes do Erário.

Jamais se discutiu sequer a probabilidade da substituição dos sócios do governo por empregados explorados e ameaçados de perder o emprego. Não obstante, há exemplos de que tal prática funciona e pode recuperar o vigor de empresas que aparentemente saíram financeiras. É certo que estado saudável sobretudo pelo aporte do dinheiro do contribuinte, raramente dos chamados investidores. Estes, quase sempre desinteressados em investir em, tão afeitos ao investimento contra. Os cofres públicos sendo seus avós. Ninguém pergunta se às dificuldades da empresa, seja ela qual for, correspondem dificuldades pessoais dos que a inventaram e organizaram. E puseram a operar.

Ainda agora, uma das mais notórias empreiteiras do País prepara-se para pagar cerca de um bilhão de reais. A compensação viria em manter-se participando de atividades financiadas com o dinheiro do contribuinte. Facilite-se a vida dos verticais e ladrões de galinha! Talvez alguns voltem a ser gente de bem. De bens, certamente, não. Os outros, sim.

■ José Seráfico é professor da Universidade Federal do Amazonas.  
E-mail: jserafico@uol.com.br

jtstbest1961@gmail.com



## ruiraiol

## A palavra que mais lemos na cidade

**O que dizer daquelas garagens que não existem? Pois é, tem gente que não tem carro, nem moto nem jumento, mas insiste em lavar o nosso cérebro com a palavra garagem.**

dez membros pode possuir dez carros, ou vinte, dependendo do gosto e do bolso. Então, haja dificuldade para estacionar essa frota!

Somos forçados a ler, dispensando aqui as aspás: Garagem! Proibido Estacionar. Dia e Noite. Sujeito à Guincho. Não Estacione! Aqui é uma Vaga! Garagem, garagem, garagem... Ao cabo de um dia de circulação, o cidadão lê essa palavra dezenas de vezes. Daí, nascem as situações mais inusitadas. As vezes, como por encantamento, avistamos uma vaga, e temos certeza que "vai dar", porém, logo lemos a malsinada palavra, e saímos à procura de destino. Em outras situações, a palavra ganha voz: "Você vai estacionar aqui? Aqui é garagem!", brada alguém com ares de senhorio da terra pública. Se não é assim, algum flanelinha boa gente nos avisa, querendo nos salvar de bronca. Sem contar aquele outro sujeito de crachá-flanela que garante que ali não é garagem, mas é, e a vaga custa caro no bolso e no humor da gente.

O que dizer daquelas garagens que não existem? Pois é, tem gente que não tem carro, nem moto nem jumento, mas insiste em lavar o nosso cérebro com a palavra garagem. E esses são os piores. Escravem letras garrafais, de preferência em vermelho. Picham a casa para que

não deixemos de fazer a lição do dia: Garagem! Ou então colocam obstáculos pesados no nosso caminho, não a pedra de Drummond, mas concreto puro sobre o asfalto, querendo não tenham carro nem garagem, não querem que ninguém estacione na frente da casa deles. Mal eles sabem que, no Brasil, o único dono de terras chama-se Estado.

O Brasil padece de falta de planejamento no traçado urbano. Mas, isto não é uma exclusividade verde-amarela. Em Nova York a coisa também é muito séria, por exemplo. Com certeza em Cuba não é assim, pelo menos agora. Com abertura ao capital, nossos hermanos caribenhos que se preparem. Vão renovar a frota e a leitura.

É a vida cidadina. Garagem é a palavra que mais lemos nas cidades brasileiras, pelo menos quem dirige. Já conectou sua leitura hoje, enquanto procurava uma vaga? Vá contando aí, depois me diga quantas vezes lê esse termo durante o dia, sim, porque de noite ainda é mais difícil. Desse jeito, a taxa de analfabetismo urbano só tende mesmo a cair. Podemos não saber muito, não temos fluência no idioma. Porém, pisando fora do batente de casa, a cidade inteira ensinará a gente a ler: garagem, garagem, garagem. Já estamos alfabetizados!

■ Ruiraiol é escritor.  
www.ruiraiol.com.br

## Lava Jato põe mundo político em transe

MURILLO DE ARAGÃO

Manito do boletim meteorológico da política que registra a calma até à terça-feira passada, o governo esperava uma passagem de ano mais tranquila. Em especial, depois de vitórias importantes nas últimas semanas, como a decisão do Congresso de manter os vetos presidenciais e a votação na Câmara do projeto de repatriação de recursos no exterior.

Eram boas as perspectivas de que o projeto de mudança da meta fiscal para 2015 fosse aprovado, bem como a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) que prorroga a Desvinculação de Receitas da União.

A Operação Lava Jato, porém, voltou a abalar as estruturas do poder. A prisão do líder do governo no Senado, Delcídio do Amaral (PTMS), causou um terremoto político e alterou completamente o ambiente. Suas consequências para o governo são gravíssimas e provocam graves incertezas:

1. Leva a crise para dentro do Palácio do Planalto. Em 2014, a presidente Dilma Rousseff, afirmou que quando era presidente do Conselho de Administração da Petrobras decidiu sobre a compra da refinaria de Pasadena com base em um parecer falho. De acordo com as gravações feitas por Bernardo Cerezo, filho do ex-diretor da Petrobras Nestor Cerezo, a presidente Dilma Rousseff sabia da operação tramada por Delcídio.

2. Afeta a já desgastada imagem do PT. O partido pode perder mais filiados. Os senadores Paulo Paim e Walter Pinheiro, que já pensavam em sair da legenda, votaram a favor da manutenção da prisão de Delcídio. Estão insatisfeitos com a crise moral que afeta a legenda.

3. O ajuste fiscal, que tinha chances de avançar, corre risco. Com sorte, apoio do PMDB e a cooperação da oposição, o governo conseguirá aprovar, ainda este ano, a mudança na meta fiscal de 2015, a Lei de Diretrizes Orçamentárias, o Orçamento de 2016 e algumas medidas provisórias.

4. Impõe a recomposição da articulação política no Senado. Delcídio do Amaral era um líder com bom trânsito não apenas entre os aliados, mas nos partidos de oposição. Sua saída enfraquece a já tradicionalmente debilitada coordenação política do governo.

5. Põe na agenda a discussão da cassação de Delcídio do Amaral. Considerando que a Câmara também está analisando um processo contra o presidente da Casa, Eduardo Cunha (PMDB-RJ), a pauta legislativa poderá ficar um bom tempo atarracada pelo andamento desses temas.

Em Brasília, há mais preocupações: novas prisões poderiam estar em curso e serem anunciadas nos próximos dias. Especulações apontam o risco de prisão de novos parlamentares, entre eles senadores e deputados.

Além disso, o governo voltou a mobilizar-se para defender o mandato de Dilma Rousseff no Congresso desde que o presidente da Câmara, Eduardo Cunha, prometeu examinar nos próximos dias novos pedidos de impeachment entre eles os mais fundamentais, como o da oposição.

Grave apreensão também cerca a demora na alteração da Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) para acomodar a nova meta de desempenho fiscal. Caso isso não aconteça até o fim do ano, a presidente pode responder por crime de responsabilidade fiscal.

Com os eventos do final de novembro, o mês de dezembro será especialmente tumultuado e exigirá tanto do governo quanto da oposição muita responsabilidade e diálogo. Faltam apenas 14 dias úteis para terminar o ano. A Operação Lava Jato tem influência decisiva sobre o panorama político e empresarial do país. E suas consequências ainda estão longe de serem determinadas na plenitude.

■ Murillo de Aragão é cientista político.